



DIVERSIDADE SEXUAL: UM ESTUDO SOBRE POSICIONAMENTOS DE PROFESSORES DO DF

Lucelia de Moraes Braga Bassalo¹

A escola é uma instituição social, formada por sujeitos concretos, inseridos histórica e culturalmente num contexto social, que modifica e é modificada pela sociedade num movimento permanente de trocas de objetivos, interesses e valores. Os profissionais da educação de modo geral, mas especialmente professores e professoras estão a cada dia diante de assuntos e temas que não tiveram chance de refletir ou estudar mais detidamente.

Atualmente diversidade sexual é o tema que desafia os profissionais da escola, e se diversidade é “o termo utilizado, em geral, para descrever a heterogeneidade de culturas que marcam a sociedade contemporânea” (MOEHLECKE, 2009, p. 461), associado a dimensão sexual refere-se a heterogeneidade das orientações da sexualidade humana.

A circulação e apropriação do conceito de diversidade na esfera pública e política articula-se à exigência de reconhecimento dos direitos civis e humanos dos novos movimentos sociais, considerados tradicionalmente como minorias. No que tange a diversidade sexual solicita-se o reconhecimento da legitimidade das múltiplas formas de expressão de identidades e práticas da orientação sexual e expressões das identidades de gênero.

A escola contribui para a formação de indivíduos e o campo dos estudos feministas vem destacando o papel da escola como instituição generificada que atua efetivamente na construção de sujeitos que podem ou não personalizar relações de submissão ou igualdade (cf. LOURO, 2008). Inserir a escola no debate sobre diversidade sexual é colocar-se a escuta do não dito ou negado pela organização escolar, e perguntar sobre a responsabilidade ética dos professores e professoras na formação das novas gerações.

Professores e professoras tem um papel singular na construção de olhares e atitudes pautados no respeito as diferenças, e garantia dos direitos humanos já que a escola pode se constituir em espaço de construção de novas práticas sociais, de revisão crítica de valores e juízos pré-estabelecidos que cotidianamente classificam, segregam e discriminam homens e mulheres, garotas e garotas no espaço escolar.

¹ Profa. Assistente I da Universidade do Estado do Pará/UEPA e Profa adjunto III da Universidade da Amazônia/UNAMA. Doutoranda em Educação, pela Universidade de Brasília, e participante do Grupo de Pesquisa em Educação e Políticas Públicas: Gênero, Raça/Etnia e Juventude/GERAJU. E-mail: lbassalo@uol.com.br



Dito isto, gostaria de assinalar três pontos que compõem a escrita desta investigação. O primeiro diz respeito ao lugar de onde teço comentários e interpretações, pois opto por uma escrita feminista que se opõe a pretensa neutralidade do texto científico já que escrevo como mulher e professora situada histórica e socialmente. Esta posição também resiste a regra lingüística - notadamente sexista - que considera o masculino como regra geral, conduzindo na escrita do texto a sempre indicar o gênero, sem dominância de sexo, e a usar expressões que nomeiem os sujeitos diferenciando-os e não a partir do caráter universalizador da língua.

O segundo se refere a situar as interpretações desenvolvidas no campo das correntes teóricas pós-estruturalistas que consideram a sexualidade como uma construção social e uma formulação discursiva (cf. FOUCAULT, 1979) imersa numa estrutura binária e assimétrica, que tem efeito regulador, uniformizador e heterossexista (cf., LOURO, 1997; 2007). Como estratégia de saber e poder, como dispositivo, desencadeia-se ao longo do processo educacional, se inscrevendo nos indivíduos e em seus corpos, e estabelecendo parâmetros do que deve ser considerado normal ou anormal na relação entre as pessoas (cf. FOUCAULT, 1988).

O terceiro relaciona-se ao procedimento de análise dos dados, o Método Documentário, que possibilita conceber o fórum de debate online, como espaço de experiência conjuntiva (cf. BOHNSACK; WELLER, 2006), e tratar as postagens dos/das cursistas como documentos textuais uma vez que representam opiniões e posicionamentos.

Este método torna possível interpretar as postagens como sentidos, intenções, ações e predisposições mentais, uma vez que “aqueles que possuem experiências biográficas parecidas ou histórias de socialização semelhantes e que, dessa forma, dispõem de um espaço de experiências comuns, entendem-se imediatamente quando essas experiências biográficas comuns são relevantes” (BOHNSACK; WELLER, 2006, p.36).

Neste texto demonstro posições e tensões presentes entre profissionais da Educação Básica da Secretaria de Educação do Distrito Federal/SEDF, formando um grupo de 140 alunos do curso Gênero e Diversidade na Escola, buscando apreender os sentidos e significados atribuídos pelos/as cursistas sobre homossexualidade, homofobia, dificuldades e necessidade de abordar o tema na escola, nas discussões realizadas em ambiente virtual, sobre o filme Milk: A voz da igualdade.

A construção da heteronormatividade

Diferentes pesquisas têm mostrado que a atitude da escola diante do desafio de se constituir em espaço de construção de interpretações e atitudes que valorizem as diferenças, tem sido o



silêncio e a manutenção da matriz heterossexual (cf. CASTRO, ABRAMOVAY, SILVA, 2004; VIANA, RAMIRES, 2008; DINIZ, LIONÇO, 2008). De acordo com Butler (1990) a matriz heterossexual parte de uma interpretação binária, organizando homens em mulheres em pares opostos, de forma a delimitar papéis de gênero e o desejo.

Com essa matriz de interpretação vigorando se exige coerência entre o sexo, o gênero e a prática sexual, de modo que a heterossexualidade passa a ser considerada como a única orientação válida do desejo. Todas as outras combinações entre esses elementos são desconsideradas, negadas ou invisibilizadas no cotidiano escolar, mantendo prática sexual normativa, heterossexual, como dominante, pois

a pretensa invisibilidade dos/as homossexuais no espaço institucional pode se constituir, contraditoriamente, numa das mais terríveis evidências da implicação da escola no processo de construção das diferenças. De certa forma, o silenciamento parece ter por fim “eliminar” esses sujeitos, ou, pelo menos, evitar que os alunos e as alunas “normais” os/as conheçam e possam desejá-los/as. A negação e a ausência aparecem, nesse caso, como uma espécie da garantia da “norma”².

Assim, a homossexualidade é a não norma, formar um par do mesmo sexo, tem caráter transgressor à norma constituída. Ser homossexual significa atentar o instituído, mas, devemos lembrar que o termo foi criado ao longo dos dois últimos séculos, pois o termo homossexual, segundo Torrão Filho & Vainfas (2000), foi utilizado pela primeira vez em 1869 pelo médico húngaro Benkert, para designar relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo. O médico a usou numa carta ao ministro da Justiça alemã, que tratava a homossexualidade como crime, argumentando que a homossexualidade era algo inato, portanto deveria ser tratado pela medicina e não pela Justiça.

Em fins do séc. XIX tornou-se necessário controlar e redirecionar o erotismo rebelde e indiferenciado, o “vício que não tinha nome” transformara-se no “amor que não tinha nome”, e a palavra homossexual foi acrescido o sufixo “ismo”, circunscrevendo o sujeito e a prática sexual na categoria de vício e doença (cf. COSTA, 1996).

Ou seja, a distinção negativa do homossexual foi inventada, primeiro na esfera da justiça e tratada como crime e, pelos saberes médicos que defendiam a internação e tratamento psiquiátrico já que era vista como patologia. Contudo, a medicina do séc. XX retira o sufixo *ismo* e introduz o sufixo *idade*, alterando o vocábulo para homossexualidade, e modifica a compreensão de um indivíduo enfermo para um indivíduo pleno, cuja orientação da sexualidade compõe as orientações possíveis da sexualidade humana.

² LOURO, Guacira L. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA, M.V. (Org.). *O currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.p.89



Entre as tensões geradas pelos saberes médicos, jurídicos, institucionais e religiosos, as orientações da sexualidade humana foram hierarquizadas servindo para classificar, rotular e discriminar, e dando status de superioridade, norma e naturalidade a heterossexualidade. Como princípio ordenador de compreensões dos indivíduos a heteronormatividade

é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e "natural" da heterossexualidade³

Mesmo considerada como um regime de verdades, neste assunto as afirmações da ciência são desconsideradas pela grande maioria das pessoas em seus cotidianos. A homossexualidade não é vista como forma legítima de existência, é silenciada de diferentes formas nas relações sociais, em estudos acadêmicos sobre a escola.

Situando a pesquisa

Os professores e professoras objeto de análise participam do curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE) que integra a Rede de Educação para a Diversidade do Ministério da Educação. O curso é ofertado por distintas universidades do país através dos pólos da Universidade Aberta do Brasil. A Universidade de Brasília oferta-o como curso de extensão voltado para profissionais da Educação Básica da Secretaria de Educação do Distrito Federal – SEDF através do Grupo de Pesquisa em Educação e Políticas Públicas: Gênero, Raça/Etnia e Juventude – GERAJU.

A realização do curso pretende promover formação continuada aos educadores e às educadoras da rede pública do Ensino Básico, de modo a redimensionar suas práticas, fundamentando-as nos princípios da diversidade e igualdade humana. Parte-se do entendimento de que os fenômenos educativos relativos ao gênero, a orientação sexual e as relações étnico-raciais se relacionam de maneira complexa, sendo necessária a formação desses profissionais para lidar com a complexidade e com novas formas de vivências culturais.

O curso é ministrado na modalidade à distância (via plataforma Moodle, da UAB/UnB) com três encontros presenciais e tem duração de treze semanas, com carga horária de 200h/aulas, distribuídas em cinco Módulos de Estudo. Como estratégia pedagógica a equipe oferece na segunda semana de cada módulo um fórum de discussão de um filme, momento em que os professores-

³ MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 21, June 2009, p.150-182.



alunos a partir da realização de uma questão norteadora devem postar no ambiente *online* suas interpretações, compreensões e opiniões sobre o filme.

No módulo intitulado “Sexualidade e Orientação Sexual” com a intenção de discutir a heteronormatividade, o filme indicado foi *Milk - A voz da igualdade*, de 2009, que conta a história do político norte-americano Harvey Milk, ativista dos direitos civis homossexuais, que assumiu publicamente sua homossexualidade nos anos 70. A questão norteadora foi “Você considera que pelo fato de uma pessoa não ser heterossexual, deve ter seus direitos civis restringidos (herança, constituição de família, manifestações de afeto em lugares públicos)?”.

Da homofobia as possibilidades de abordar o tema na escola

O debate no “fórum do filme” foi realizado no período de sete dias, onde cada aluno/aluna teve que fazer pelo menos uma postagem sobre o filme, e debater no ambiente *online* posicionamentos dos colegas. As postagens revelaram posturas completamente homofóbicas, outras que demonstram uma crescente aceitação da diversidade sexual embora evidenciem um processo de transição de opiniões, e aquelas que já têm consolidado uma interpretação baseada no reconhecimento da diferença e na igualdade.

Entre aquelas que são claramente homofóbicas, destacam-se as que afirmam abominar a homossexualidade. Vejamos:

Considero o filme emocionante nas conquistas através do voto pelo protagonista Milk, porque no Brasil há um preconceito enorme em votar em mulheres, negros, nordestinos, lésbicas, travestis e homossexuais, geralmente os políticos precisam mostrar para a sociedade, a sua família e ainda sua religião, Lula e o finado Clodovil realmente quebraram os paradigmas do processo eleitoral brasileiro. Milk defendia a criação de leis para proteger os direitos das pessoas e duas afirmações foram marcantes: “... não podemos permitir a invasão do Estado na vida privada das pessoas...” e “... lute e sonhe para conquistar...” Mas... devo reconhecer que há uma dúvida que não que calar:

- Qual é a relação entre homossexualismo, a prostituição e o uso de drogas? Porque geralmente estão juntos? (aluna 102)

A relação que há entre homossexualismo, prostituição, lesbianismo e etc.. e drogas é que tanto uma prática quanto a outra, ambas procuram preencher um vazio dentro de seus praticantes que, cada vez mais essa solução se torna mais distante e com isso o envolvimento é cada vez maior, as pessoas que praticam tais ações tentam se justificar com filosofias próprias e sem fundamento da boa moral familiar. Aceitar o praticante sim, acatar a prática jamais, pois que benefício há nestas práticas? Respeito para que não haja discriminação é louvável, mas por outro lado os praticantes também não podem discriminar os que abominam tais atos. Isso é o que penso (aluna 101).

Outras se referem a não considerar a homossexualidade como natural:

Como já citei algumas vezes, para mim também é difícil um olhar "natural" frente à homoafetividade e muito disso é fruto da liberdade que tenho de expressar e vivenciar minhas crenças. Porém, vejo que podemos conviver se respeitarmos os direitos de cada um. Penso que o ideal é exterminar atitudes homofóbicas que acabam tirando a vida de pessoas que não cometeram crime, somente não seguiram a heteronormatividade (aluna 6).



Se compararmos os acontecimentos, vemos que houve um avanço. Hoje existe diversas manifestações em prol da igualdade de direitos dos homossexuais e estas são aceitas pacificamente pela sociedade. Mesmo assim acredito ainda não estarmos preparados para lidar naturalmente com o assunto. Porém é fundamental respeitar a opção sexual do outro, sem criticar, sem julgar e sem excluir (aluna 103).

Compartilho com você do mesmo pensamento sobre a dificuldade de olhar como “natural” a homoafetividade e às vezes me pego pensando se isto, de certa forma, não é um preconceito. É inegável que a palavra chave é respeito, mas confesso que é muito difícil entender as relações homossexuais (aluna 8).

Postagens que revelam posições homofóbicas veladas, afirmam que apesar de se dizerem contrários a discriminação e a violência, preferem não “ver”, manter longe do espaço público, da coletividade manifestações de afeto entre homossexuais:

Assim como várias colegas, senti um grande desconforto, rejeição, assustada em assistir o filme, mesmo porque não gosto de cenas de afeto entre homossexuais, não vivo essa realidade talvez seja por esse motivo, fiquei constrangida. É também ainda está enraizada dentro dos meus conceitos a cultura da heterossexualidade. Não concordo com qualquer tipo de discriminação, preconceito, violência contra as pessoas, só por que tem uma opção sexual diferente da minha. Devemos nos lembrar que tal violência também acontece com pessoas que são consideradas excluídas pela sociedade. Ao contrário, devemos estar conscientes, quanto a orientação sexual de cada um. E importante cobrar dos parlamentares que elegemos, da justiça a elaboração e o cumprimento das leis que protejam cada vez mais a diversidade do nosso povo (aluna 5).

Vi também que não estou preparada presenciar demonstrações explícita de cenas que deveria estar reservado a locais mais reservados ou próprios para tais atos (aluna 3).

Ao assistir o filme, assim como a colega x, senti um certo desconforto também, principalmente nas cenas de maior demonstração de afeto entre os personagens. Aliás, não me sinto confortável em discutir este assunto!! Mas como é necessário... (aluna 2).

Compartilho com as colegas, quanto aos sentimentos ao ver as cenas de intimidades, de trocas de carícias, são sentimentos de... bem, não aceitação, rejeição, enfim, são sentimentos difíceis de serem explicados. Porém, como educadora preciso trabalhar em mim, mudanças de posturas para contribuir e garantir a igualdade de direitos por uma orientação sexual legítima (aluna 4).

Analisando os textos e em consonância a minha visão pessoal em relação a diversidade sexual, penso que atos de agressões e conflitos dados a diversidade sexual é simplesmente inaceitável, devemos partir do pressuposto de "direito, liberdade e espaço democrático", portanto o oposto de imposição a ser vencida com violência. Independente da opção sexual os direitos civis devem ser considerados a qualquer cidadão, no tocante as manifestações de afeto, acredito no bom senso, não acho sensato manifestações afetivas exageradas em espaços públicos, tudo tem hora e lugar (aluna 41).

Também me emocionei com o filme como você e também me senti um pouco constrangida com as cenas explícitas do envolvimento amoroso dos personagens... Acredito que eles também têm o direito de exercerem sua sexualidade livremente, mas às vezes, a herança da heteronormatividade pesa, não é mesmo? (aluna 6).

O filme choca porque como já disse não são cenas veladas e sim explícitas de demonstrações de carinho. Eles se gostam e têm o direito de manifestar isso em público, e mesmo que eu não ache normal, não posso sair por aí distribuindo insultos ou apedrejando para mostrar que sou católica e que não admito isto ou aquilo. A questão é que a diversidade deve ser respeitada e que devemos apoiar quem luta pelos direitos de uma minoria (aluna 39).

Confesso que o filme é bastante estimulante e intrigante pela temática que ele traz, pela carga dramática que apresenta, e por se tornar, neste momento, para mim, um instrumento de análise e reflexão. Contudo, confesso que não seria um filme escolhido por mim para ser assistido no cinema, pois apesar da beleza da história, o tema não me causaria interesse. Confesso, ainda, que algumas cenas de afeto, algumas posturas retratadas no filme causaram-me um certo “desconforto”... Talvez porque, segundo Louro, em seu texto “Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas”, “As formas de viver a sexualidade, de experimentar prazeres e desejos, mais do que problemas ou questões de indivíduos precisam ser compreendidas como problemas ou questões da sociedade e da cultura.” e eu, ainda, não tenha conseguido enxergar com naturalidade estas manifestações de afeto (explícitas) entre homossexuais (aluna 1).

Contudo fico imaginando por que não podemos aceitar cada pessoa como ela é? Sem precisar rotular se aquele é gay, ou hetero ou bi ou qualquer opção que ele tenha (aluna 54).



Nas posturas que denomino de homofóbicas “em declínio”, pode-se identificar o conflito forçado pela participação no curso, onde questionamentos sobre si e sua história são desenhados, dando espaço para a composição de novas interpretações:

O que, na verdade, me causa maior dúvida é em relação à contratação de professores gays... Por quê? Nem mesma eu sei ao certo. Preconceito? Insegurança? Talvez... Estou, ainda, na fronteira entre as regras “do costume” e as regras “do campo dos direitos”, que eu abordei no fórum de discussão dos textos. Em relação a isso, acrescento que muito do preconceito e da discriminação que ocorrem em nosso país é devido a nossa dificuldade de encontrar o equilíbrio quando as questões se encontram “nessa fronteira”. Com certeza, sou a favor da igualdade de direitos, independente de sexo, religião, raça, cultura... Mas em alguns momentos, esta tal “construção histórica” da minha formação individual, moral, ética, cristã, profissional, etc, surge como uma “amarra” para os meus pensamentos e não permitem que na ação a minha fala seja coerente com o meu agir (aluna 9).

É importante que façamos uma reflexão para os direitos e deveres garantidos pela nossa Constituição para todos independente de sua orientação sexual ou sua cor, é necessário que tenhamos em mente que mesmo que não concordemos com a opção de cada um, o respeito pelo outro é essencial nos nossos relacionamentos e não devemos apoiar qualquer tipo de preconceito (aluna 52).

Para mim, não seria um filme que me apeteceria ver, senão por obrigação, como aqui no curso... Acredito realmente que todos devem lutar por seus direitos, buscar melhorias de vida em todos os aspectos. Mas no momento em que o direito do outro fere o meu, haverá conflito. Há de ser mediado por alguém competente para tal, pois tenho certeza que há preconceito de ambos os lados - homo e heteros. Confesso abertamente que tenho certos preconceitos quando vi algumas cenas do filme relacionadas ao tema. Já disse isto antes, embora tente veementemente desconstruir e reconstruir meus conceitos acerca da temática, ainda há um longo caminho a percorrer (aluna 37).

Quanto aos direitos, eu sou a favor do casamento de pessoas do mesmo sexo, puxa vida, se meu amigo escolheu o parceiro dele para viverem juntos, estão felizes, todo mundo sabe porque não oficializar? E já que moram juntos, um cuida do outro, dividem tudo e constroem juntos, nada mais justo que ter o direito a herança, porque isso é o desejo do parceiro, porque não respeitarmos? Sei que tudo isso é muito difícil porque fomos criados numa sociedade machista e tradicionalista, mas a única situação que penso que seja mais complicada é a adoção, não por mim, mas pela questão dos valores que fomos criados, com a família constituída pelo pai e mãe e a sociedade ainda não está preparada para um novo modelo de família. Mas em contrapartida é bem melhor essas crianças serem adotadas, terem amor e uma vida com oportunidades que não teria num orfanato, por exemplo, com certeza para elas o que menos vai importar é a escolha sexual de seus pais adotivos (aluna 7).

Seja como reação provocada por algum posicionamento ou como opiniões geradas a partir do filme muitas postagens já revelam uma visão inclusiva, de respeito à diferença e compreensão da diversidade sexual:

E para finalizar, SIM, TODAS AS PESSOAS TÊM DIREITO A TER SUA FAMÍLIA E AMAR E SEREM AMADAS! Ninguém é melhor que ninguém aqui neste planeta para ter privilégio sobre a vida de outro. Parafrazeando Shakespeare, "tanto o Rei quanto o bobo da corte alimentarão o verme após a morte", portanto, SIM, somos todos iguais para o verme que irá nos devorar. Não interessa se homossexual, heterossexual, homem, mulher, branco, negro, índio ou quem quer que seja (aluno 105).

Aprendi muitos conceitos com este filme, e destaco como principal enfatizado em sua trajetória de revolução para a igualdade: o “direito de ser quem realmente penso ser no meu eu interior”, não importa como os outros me vêem, e sim como me sinto diante do mundo para ser feliz e viver em comunhão com o meu grupo. O importante é expressar a minha identidade pessoal sem influências exteriores. Os heterossexuais não são discriminados e os homossexuais também não devem ser, é uma questão de liberdade e igualdade expressão (aluna 51).

Infelizmente a história de Milk é real, assim como a intolerância que ainda persiste na sociedade ocidental, apesar dos progressos que a política de identidades vem conseguindo e da maior visibilidade política e social que as pessoas não heterossexual vem alcançando. É inaceitável que uma pessoa tenha seus direitos civis restringidos por conta de sua orientação sexual ou qualquer outro critério racial ou social, todos somos iguais e isso deve ser respeitado em todas as instâncias (aluna 42).



Acredito que devemos tomar cuidado com afirmações como "somos todos iguais", pois não somos. Somos todos diferentes e cada um com suas especificidades mesmo dentro das minorias encontramos diferenças brutais. Devemos sim, falar em igualdade de direitos, pois ainda não conseguimos atingir nem mesmo a igualdade perante a lei. No caso do homossexual, percebemos que seus direitos civis são inexistentes, pois não tem direito à herança do próprio patrimônio construído em conjunto com seu parceiro. Dessa forma, percebemos que esse conceito de que somos todos iguais é mais uma legitimação social da negação da homossexualidade e de outras minorias presentes na sociedade, pois se afirmamos que somos todos iguais até mesmo as lutas das minorias perdem o sentido social e político e passam a ser vistas como mais um ato festivo e caricato como nos mostra a mídia todos os anos ao transmitir as paradas do orgulho gay por todo o país (aluno 50).

A escola surge nas postagens como um ambiente que precisa ser trabalhado para desenvolver a aceitação da diversidade sexual, o que se constitui num desafio:

O filme nos mostra como é difícil viver a igualdade sendo diferente do padrão. Os direitos são direitos, independente da sua opção sexual, sua cor, raça, etc. Nota-se hoje que houve uma evolução no aceitamento e na convivência com os "diferentes", os que estão fora do padrão, porém sabemos o quanto é difícil assumir a orientação sexual, a sociedade não aceita com naturalidade e a escola ainda está longe de ser um ambiente onde a pluralidade e as diferenças sejam aceitas e trabalhadas, precisamos, como educadores e formadores que somos ampliar o campo de visão, trabalhar com mais naturalidade e acima de tudo simplicidade em se tratando das diferenças, das novas modalidades de família que estão surgindo e levando como exemplo o filme, lutar pelos direitos, tratar de igual pra igual qualquer que seja o indivíduo (aluna 104).

vemos que as pessoas que possuem uma opção diferente sofrem, são discriminadas e sofrem vários tipos de preconceitos, essa é uma realidade de nossa sociedade que ainda não aprendeu a respeitar a diferença. Assim, no contexto escolar devemos fazer uma abordagem clara, objetiva que proporcione o conhecimento e o respeito a todos. Trabalhar essas questões no ambiente escolar e nosso desafio (aluna 106).

Devemos ensinar em nossas escolas, a importância que o outro tem na sociedade, o tanto que podemos crescer se nos unirmos, os direitos são garantidos para todos independente de raça, classe social, orientação sexual. Mostrar as nossas crianças que a diversidade faz parte da vida e que é com ela que construímos um mundo melhor para todos (aluna 53).

Forçados refletir de modo não teórico a partir do uso do filme, as postagens demonstraram que há três grupos distintos entre os professores analisados. Aqueles que negam a diversidade sexual, os que estão em processo de aceitação e aqueles que já a reconhecem e assumem uma postura de defesa dos direitos. No que se refere a escola reconhecem o papel da escola na defesa dos direitos humanos, mas destacam dificuldades na aceitação do tema diversidade sexual.

A lógica heteronormativa foi construída ao longo da organização da sociedade moderna, é uma invenção discursiva e não representa as múltiplas possibilidades de combinação sexo - gênero - sexualidade. O espaço escolar é palco da diversidade sexual, pois homens e mulheres, garotos e garotas trazem acoplados em seus corpos significados de ser e estar no mundo a despeito da hierarquia erigida e das segregações impostas. É necessário que professores e professoras assumam o compromisso ético de demonstrar que as formas de orientação da sexualidade ou de gênero, não podem ser hierarquizadas, ou tomadas como natural. Todas foram produzidas ao longo da vida de cada pessoa através das relações sociais, logo podem ser desconstruídas.

Bibliografia



BOHNSACK, Ralf, WELLER, Wivian. O método documentário e sua utilização em grupos de discussão. In: *Educação em foco*. v.11, n.1, p.19-37, março/ago 2006, UFRJ.

CASTRO, Mary G.; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena B. *Juventudes e sexualidade*. Brasília, DF: UNESCO, 2004.

DINIZ, Débora; LIONÇO, Tatiana. Homofobia, Silêncio e Naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. *Psicologia Política*. vol. 8. nº 16. jul - dez 2008. p. 307 - 324.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução Roberto Machado. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Tradução M. Thereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 3ªed. Petrópolis: Vozes, 1997

_____. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista*. 2007, n.46, p. 201-218.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2 - maio/ago 2008, p.17-23.

MOEHLECKE, Sabrina. As políticas de diversidade na educação no governo Lula. *Cadernos de Pesquisa*, Ago 2009, vol.39, no.137, p.461-487.

VIANNA, Claudia; RAMIRES, Lula. A Eloquência do Silêncio: gênero e diversidade sexual nos conceitos de família veiculados por livros didáticos. *Psicologia Política*. vol. 8. nº 16. jul/dez 2008. p. 345 – 362.